

... Cadernos :: edição: 2004 - Nº 23 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**

Informática e Educação Inclusiva: desafios para a qualidade na educação

**Eliana da Costa Pereira
Soraia Napoleão Freitas**

Este artigo tem como objetivo principal colaborar com subsídios teóricos para uma melhor compreensão de aspectos que envolvem a utilização da informática na educação inclusiva. Para tanto, abordaremos de forma concisa a trajetória de ambos processos, resgatando os aspectos mais relevantes que nos possibilitem uma interligação dos mesmos. Ressaltamos a importância que a utilização da informática no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais apresenta para concretização de uma educação onde os alunos, independentemente de suas características físicas, sensoriais e cognitivas, tenham acesso a um ensino de qualidade, que se utilize de métodos e instrumentos diversificados e que favoreça a verdadeira construção do conhecimento.

Palavras-chave: informática, educação, inclusão.

Introdução

A inclusão de alunos com necessidades especiais (NEs) no sistema regular de ensino e a utilização da informática na educação são dois grandes desafios que a sociedade atual impõe aos profissionais da educação e a educação em geral. Nesse contexto, devemos pensar esses dois processos como um convite ou uma proposta à transformação nas práticas pedagógicas atuais que apresentam ainda raízes tradicionais tão arraigadas. Podemos afirmar que tanto a utilização da informática na educação quanto a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais nas salas de aula do sistema regular de ensino são processos resultantes de uma longa caminhada histórica, que se entrecruzam em muitos momentos. Ressaltamos no entanto que o paradigma atual de inclusão, representa e representou uma luta de uma parcela significativa da população mundial em busca de respeito a direitos básicos de cidadania e igualdade de oportunidades, constituindo portanto uma trajetória muito mais longa e relevante.

Propor uma reflexão sobre esses dois temas, interligando-os, é propor uma discussão repleta de dúvidas, questionamentos, medos e inseguranças, sentimentos esses que muito provavelmente são resultantes do desconhecimento ainda presente nas práticas pedagógicas atuais no que se refere a esses assuntos. Nesse sentido, o presente artigo é um convite à essa reflexão, na busca de uma maior compreensão sobre a importância que ambos os processos apresentam na concretização de uma educação de qualidade, que possibilite à todos os alunos a construção do conhecimento.

A utilização da informática na educação

Foram necessários quase trinta anos para que a tecnologia computacional tivesse seu uso comercial liberado. Surgida na II Guerra Mundial (1945), a primeira geração de computadores do mundo tinha o uso limitado aos campos científico e militar. Somente dez anos depois, nos Estados Unidos, a Internet foi criada para fazer a transferência de informações de um computador para outro, como uma das principais estratégias contra a possibilidade de um ataque nuclear. Após décadas, essas máquinas mudaram, evoluíram, ganharam novas e inúmeras aplicações.

Atualmente a presença dessa tecnologia nas mais diferentes áreas de nossas vidas é incontestável. Na medicina, na educação, no lazer, nas atividades da vida diária, no trabalho, em casa, os computadores estão presentes em nossa sociedade, possuindo inúmeras funções e exercendo influências diversas, transformando o modo como percebemos e construímos a realidade. Diante desse fato e considerando que a informática ainda é uma novidade para milhões de pessoas, precisamos pontuar que ela ainda trás consigo inúmeros aspectos que necessitam de uma maior reflexão.

No campo educacional, também "invadido" pelos computadores, as opiniões apresentam ainda posições antagônicas e confusas sobre a utilização da informática na educação. No entanto, consideramos importante ressaltar que no momento atual não há mais espaços para discussões sobre a utilização ou não dos computadores em nossas práticas educativas, mas sim em como vamos utilizar essa moderna tecnologia para que não corramos o risco de subestimar-las, desperdiçando assim oportunidades de desenvolver uma educação conectada com a realidade dos nossos alunos.

Vivemos atualmente em uma sociedade em permanente transformação, onde o mercado de trabalho necessita de indivíduos cada vez mais qualificados, com domínio em determinadas áreas e em determinados conhecimentos, mas principalmente de pessoas muito mais criativas, com competências para resolver os problemas que vão surgindo, que tomem iniciativas e que tenham autonomia. Como

conseqüência, percebemos a necessidade da ampliação do enfoque dado à educação, que antes se restringia aos conteúdos, à reprovação/aprovação, às grades curriculares, à visão do conhecimento fragmentado em matérias, à transmissão de conteúdos de forma mecânica e que tinha como meta apenas formar um homem preparado para o competitivo mercado de trabalho. Hoje, há a abrangência das questões relacionadas à formação do aluno como ser humano, considerando sua subjetividade, totalidade e diversidade, visando o seu pleno desenvolvimento e preparando-o para a vida. Como nos coloca Arroyo (2000), educar é humanizar.

De acordo com estes avanços e em virtude deles o professor hoje tem que estar preparado para interagir com uma geração mais atualizada e mais informada, necessitando então apropriar-se dos conhecimentos tecnológicos, uma vez que os modernos meios de comunicação, principalmente a Internet, viabilizam aos alunos o acesso instantâneo ao conhecimento. Os métodos didáticos nesta nova realidade devem privilegiar a criação de um ambiente interacionista de aprendizagem onde o conhecimento não é passado para o aluno, mas sim onde a criança agindo com o meio, possa desenvolver novos conceitos. Inserido nesta situação, o professor também aprende observando como a criança pensa e procede no processo de construir seu saber. Segundo os estudos de Vygotsky (2000), ele poderá intervir na zona de desenvolvimento proximal do aluno levando-o a evoluir do seu nível de desenvolvimento real (determinado pela capacidade de resolver problemas sozinho) para seu nível de desenvolvimento potencial (determinado pela solução de problemas com orientação de outra pessoa), fazendo com que funções ainda não consolidadas venham a amadurecer. Tanto a escola como o docente devem assimilar que o computador é um possibilitador de atividades significativas para o educando e que apresentará bons resultados quando houver interação entre educador-educando-computador. Conforme Valente apud Faria (2001, p. 57):

Trata-se de uma inovação pedagógica fundamentada no construtivismo sociointeracionista que, com os recursos da informática, levará o educador a ter muito mais oportunidade de compreender os processos mentais, os conceitos e as estratégias utilizadas pelo aluno e, com esse conhecimento, mediar e contribuir de maneira mais efetiva nesse processo de construção do conhecimento.

Nesse processo de transformação escolar cabe ao professor conscientizar-se de seu papel fundamental como agente transformador dessa educação que temos para a educação que queremos. Com isto, algumas inquietações invadem nossos pensamentos: Como prepara-lo de maneira eficaz para atuar nessa realidade? Que conhecimentos esse profissional precisa ter para inserir o computador dentro do seu planejamento pedagógico e relaciona-lo com seus objetivos e conteúdos?

Na tentativa de encontrar respostas a esses questionamentos nos basearemos nos estudos de Cox (2003) que elenca algumas características fundamentais à formação do professor para implantação da informática na educação escolar. Buscando uma maior compreensão dessas características abordaremos a seguir os tópicos mais relevantes das mesmas.

Para atender as exigências que a implantação dos recursos computacionais implicam na sua prática, o professor precisa ter disposição para estudar, pois precisará compreender o que a informática pode oferecer ao seu planejamento pedagógico e como utilizar o computador como uma ferramenta na concretização de objetivos educacionais. Diante da necessidade da construção desses novos conhecimentos podemos facilmente concluir que a implantação da tecnologia computacional na educação implica inevitavelmente em leituras, interpretações e discussões entre os professores.

Sabemos que é através da interação com o meio (constituído de pessoas e objetos) que a humanidade evolui. Essa interação possibilita-nos que façamos as intervenções que julgamos necessárias para atingirmos a qualidade de vida que desejamos. Da mesma forma, a capacidade de intervenção dos professores no ambiente educacional que utiliza a informática com fins de aprendizagem é indispensável. No entanto, para que essa intervenção seja possível, é necessário que o professor tenha, além de domínio em sua área de atuação, conhecimentos técnicos e habilidades específicas sobre informática. Precisa conhecer quais ferramentas computacionais podem auxiliar sua prática e compreender como explorá-las para atender aos seus objetivos.

Contudo, se torna oportuno ressaltar que o professor não precisa ser um exímio programador ou analista de sistemas, precisa sim compreender como seus alunos se desenvolvem, tendo clara a teoria de aprendizagem que embasa sua ação docente, pois nenhuma máquina será capaz de "salvar" uma prática educacional que não tenha uma fundamentação teórica bem delimitada. "É importante que o professor saiba que não é a informática a vilã ou a salvadora, mas que o uso que se faz dela é que pode ser maléfico ou benéfico a educação escolar." (COX, 2003, p. 110)

E apesar da necessidade de indissociabilidade entre teoria e prática estar evidente nos dias de hoje, se formos analisar as práticas pedagógicas que se desenvolvem no cotidiano escolar da educação como um todo, incluindo também a educação especial, notaremos que ainda hoje a epistemologia subjacente a essas práticas é na grande parte empirista, e que professores que buscam um embasamento diferente não possuem ainda clareza epistemológica no seu fazer pedagógico, agindo muito através de sua intuição.

Faz-se necessário, no entanto, pontuar os motivos que levam esses profissionais a conviver com essa realidade. Dentre os mais diversos fatores que influenciam no cotidiano escolar podemos destacar aqueles que sob nosso ponto de vista, exercem apenas influências negativas como: a desvalorização da profissão e por conseqüência a baixa remuneração do professor; a baixa qualidade da formação deste profissional e o escasso investimento em cursos de capacitação e educação continuada para os profissionais em exercício, o que representa um grande obstáculo para a melhoria de suas práticas pois tal aspecto corrobora para que suas concepções se tornem cada vez mais arraigadas, cristalizadas, o que acaba conseqüentemente comprometendo sua capacidade de reflexão e motivação pra mudar.

Para corresponder à velocidade com que a sociedade contemporânea vem se desenvolvendo o professor precisará desenvolver competências para educar-se continuamente. A educação continuada apresenta-se no contexto dinâmico atual como impreterível, pois é através dela que o professor vai continuar desenvolvendo atividades de pesquisa, buscando sempre novas formas de pensar e de aprender a aprender. Essas atividades de eterna busca, reflexão e auto-avaliação propiciarão a ele a capacidade de analisar criticamente a utilização dos recursos da informática na educação, corroborando para que a história dessas práticas seja realmente efetiva e válida. Quando o professor assume uma postura cotidiana crítica, questionadora, percebe-se capaz de criar e recriar continuamente, passa a acreditar na sua capacidade de ousar, de fazer diferente, de tentar novas maneiras de trabalho e liberta-se, assim, das verdades absolutas, da cópia e da reprodução. Sobre esse aspecto, buscamos reforço em Cox quando ela afirma que:

A ousadia é ingrediente indispensável ao processo de implantação dos recursos computacionais na educação escolar pública, pois a necessidade de estudar informática exigirá que os professores avancem, além dos limites da sua área de conhecimento, o que não se constitui tarefa fácil, principalmente ao se considerarem as especificidades das formações docentes. (2003, p. 113).

Acreditar em seu potencial é uma característica indispensável para que o profissional tenha condições de tomar iniciativas, libertando-se das correntes que muitas vezes sua formação lhe impõe. O professor que permite se aventurar através das possibilidades que a informática na educação apresenta, precisa acreditar nessas possibilidades e estar disposto a vencer as dificuldades que por ventura vierem a aparecer ao longo do desenvolvimento do trabalho. É preciso, acima de tudo, que tenhamos coragem de romper com o comodismo que faz com que fiquemos esperando pela tomada de decisões dos administradores políticos e avancemos em busca da concretização de nossos ideais.

A Educação Inclusiva

De forma geral todo ser humano precisa de bons desafios para evoluir. Precisa conscientizar-se de que o meio é resultante de suas tomadas de decisões na busca da superação desses desafios. Precisa ainda compreender que toda ação, por mais simples que lhe pareça, irá exercer influência sobre alguém e assim a vida em sociedade vai se estabelecendo.

Baseados nessa premissa, podemos conceber a inclusão³ de alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino também como um grande desafio proposto aos educadores. Nesse processo os professores devem ter a capacidade de superar as atuais discussões que circundam a inclusão desses alunos, discussões essas que não ultrapassam a delimitação de barreiras formadas por discursos que se posicionam a favor ou contra a inclusão, mas sim começar a perceber que as suas praticas pedagógicas devem ter como alicerce o compromisso assumido com a educação e o desenvolvimento dos seres humanos, e que a questão norteadora das discussões não deve ser mais se somos contra ou a favor da inclusão, mas sim a exigência da qualidade na educação oferecida a todos os alunos, estejam eles ou não incluídos no sistema regular de ensino, tenham eles ou não necessidades especiais, superando assim mais uma etapa segregacionista e excludente na história da relação entre a sociedade e as pessoas com necessidades especiais.

No entanto, apesar de defendermos e acreditarmos nesses pressupostos, consideramos relevante ressaltar que a relação que a sociedade mantém hoje com as pessoas que possuem necessidades especiais é resultado de um longo percurso sócio-histórico determinado pelas escolhas que atendiam às necessidades dos homens num determinado contexto, em uma determinada época. Assim, para compreendermos muitas das atitudes e crenças que a sociedade atual tem em relação às pessoas com NEs sem fazermos falsos julgamentos morais devemos estudar e entender tais processos como fenômenos históricos, tendo em mente que tais práticas não eram a princípio utilizadas por maldade, mas sim com o consenso da sociedade.

Até o século XV, embora não exista uma literatura sobre a Antiguidade com muitas referências quanto às pessoas com necessidades especiais, sabe-se que, em Esparta, as crianças deficientes físicas ou mentais não eram consideradas humanas, sendo por isso segregadas e excluídas do convívio social, quando não abandonadas ou eliminadas, e que, na Roma Antiga, as crianças deformadas eram jogadas nos esgotos. Na Idade Média, com a difusão do cristianismo na Europa, a base das relações era teológica. Os deficientes começaram então a escapar do abandono e passaram a ser acolhidos em conventos e igrejas com o objetivo de isolar, esconder e excluir do convívio social aqueles que incomodavam por sua aparência.

Do século XVI ao XIX as pessoas com deficiências continuaram isoladas do resto da sociedade, porém em asilos, conventos ou albergues, onde não recebiam tratamento especializado nem programas educacionais. Somente a partir do século XX o homem passa a ser pensado através das relações que ele mantém com outros homens no convívio social. Em decorrência dessa compreensão, as pessoas com necessidades especiais passam a ser vistos como cidadãos com direitos e deveres de participação na sociedade. Como afirma Amaral (1994, p. 15):

Beneficiando-se (ou ajudando a promover?) de toda uma reavaliação dos direitos humanos, e na esteira que inclui a mulher, a criança, o índio, o negro, o idoso...a pessoa portadora de deficiência pode começar a ser olhada, e a olhar para si mesma, de forma menos maniqueísta: nem herói nem vítima, nem Deus nem demônio, nem melhor nem pior, nem super-homem nem animal. Pessoa.

Embora a fase assistencialista e caritativa ainda não tenha sido completamente superada, podemos observar o crescimento e fortalecimento de ideais de inclusão das pessoas com necessidades especiais na sociedade. Porém, sabemos também que tais ideais têm sido motivo de preocupação, reflexão e discussão por parte das pessoas envolvidas com a educação no país. Como já afirmamos no início desse trabalho, supomos que um dos principais obstáculos para a efetivação de práticas inclusivistas seja a falta de conhecimento e a desinformação da sociedade como um todo em relação as reais dificuldades das pessoas com necessidades especiais.

Desde que os primeiros seres humanos surgiram na Terra, a diferença nos une e nos torna comuns. A perfeição em que fomos criados consiste exatamente no fato de que nenhum ser da natureza é igual ao outro. Entretanto, apesar dessa verdade ser incontestável, a humanidade, no auge de seu desenvolvimento, mostra-se ainda frágil e imatura em relação às diferenças individuais dentro do próprio grupo social, evitando e excluindo aqueles que fogem do padrão de normalidade imposto pelo mesmo, baseada em valores e critérios que já não mais correspondem aos interesses da maioria da população.

É comum observarmos o despreparo das pessoas ditas "normais" para conviver com os ditos "diferentes". Provavelmente esse despreparo tenha como grande e principal causa a escassez de informações a respeito das deficiências, o que por sua vez resulta no desconhecimento das reais limitações, bem como das potencialidades dessas pessoas. A deficiência por si só não define a essência da pessoa, não define o que essa pessoa é em sua totalidade.

As barreiras existentes para a adaptação e inclusão social das pessoas com necessidades especiais e o despreparo da maioria das pessoas, entre elas, profissionais e professores, para lidarem com a diferença, seja na escola ou em outros espaços sociais, são em grande parte resultantes dessa não compreensão e não valorização da diversidade como um elemento enriquecedor do desenvolvimento pessoal e social. É preciso que haja uma conscientização de que quanto mais convivemos com pessoas que têm diferentes experiências, opiniões, pontos de vista e conhecimentos, mais vamos crescer, aprender e evoluir, apontando as diferenças individuais como uma oportunidade para aprender e não como um problema a ser resolvido.

Partindo da premissa de que quanto mais a criança interage espontaneamente com situações diferenciadas mais ela adquire o genuíno conhecimento, fica fácil entender por que a segregação não é prejudicial apenas para o aluno com deficiência. A segregação prejudica a todos, porque impede que as crianças das escolas regulares tenham oportunidade de conhecer a vida humana com todas as suas dimensões e desafios. Sem bons desafios, como evoluir? (WERNECK, 1999, p. 12-13)

As crianças, desde que nascem, participam de diversas práticas sociais no seu cotidiano. Dessa forma, adquirem conhecimentos sobre a vida social ao seu redor. A família, os parentes e os amigos, a escola, a igreja, a rua, entre outros, constituem espaços de construção do conhecimento social. Na escola, a criança encontra a possibilidade de ampliar as experiências que traz de casa e de outros lugares, de estabelecer novas formas de relação e de contato com uma grande diversidade de costumes, hábitos e expressões culturais, cruzar histórias individuais e coletivas, compor um repertório de pessoas comuns àquele grupo. Cada uma dessas crianças é influenciada por adultos que as circundam, que além de já possuírem concepções formadas, na maioria das vezes apresentam resistência para admitir as suas inadequações quanto à desinformação, preconceitos e inabilidades para lidar com a diversidade humana e com ela harmoniosamente conviver. São transmissores de informações equivocadas e pré-conceitos referentes a valores e critérios de julgamento social, a respeito dos padrões de normalidade, que são assimilados pelas crianças.

Levando-se em conta que o papel da escola é o de promover a apropriação, elaboração e reelaboração do conhecimento, torna-se necessário que se favoreçam determinados tipos de interações sociais que reavaliem os direitos humanos e incluam a mulher, a criança, o índio, o negro, o idoso, a pessoa com necessidades especiais... para que assim a diversidade seja compreendida como algo natural, onde não exista o melhor nem o pior, o bonito nem o feio, o normal e o diferente..., mas sim indivíduos iguais na condição de ser humano que possuem capacidades e limitações diferentes.

Nesse sentido a dimensão interativa evidencia a heterogeneidade como fator imprescindível no

contexto escolar. Isto porque a vivência, a troca e ação partilhada entre parceiros de diferentes possibilidades, experiências e comportamentos, oportunizam não só o conhecimento e sua produção com o outro, com também o olhar de frente para a diferença. (SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto, [199_], p. 10-11).

Assim criam-se espaços para a convivência e o compartilhar com a dessemelhança, desmontando moldes pré-estabelecidos, interrompendo o processo de desinformação, estigmatização, preconceito e marginalização.

Considerações finais

De acordo com os estudos que vêm sendo desenvolvidos na área da educação ao longo do desenvolvimento da humanidade e que embasam toda a produção do conhecimento na área, podemos concluir que nos dias de hoje para o desenvolvimento de uma efetiva prática pedagógica com todos os alunos é indispensável que a educação tenha como meta formular e apresentar aos alunos situações desafiadoras, provocando naturalmente a interação destes com o meio em que vivem e buscando dessa forma o desenvolvimento dos mesmos.

Diante desse contexto, a utilização da informática na educação deve ser pensada como uma importante aliada nesse processo de busca de desafios para os alunos. A rapidez com que a sociedade vem evoluindo obriga-nos a (re)pensar a necessidade de (re)significação das práticas educativas, e principalmente a qualificação dos professores enquanto agentes fundamentais nesse processo. O professor precisa, então, desenvolver competências para educar-se permanentemente e assim acompanhar a dinâmica que as novas tecnologias impõem à sociedade.

Trabalhar com alunos que possuem necessidades especiais em ambientes informatizados, além de enriquecer o processo pedagógico, colabora na perspectiva da inclusão. Nesse processo há um envolvimento mútuo entre educando e educador, pois ambos passam a viver experiências onde são estimulados a vencerem suas dificuldades, possibilitando a superação de seus limites e a construção de novos conhecimentos. Justifica-se portanto a necessidade de se concretizar esse novo modelo de educação onde os processos de aprendizagem sejam trabalhados a partir de uma metodologia que permita a produção do conhecimento de forma mais efetiva e dinâmica, através da utilização de novos recursos nessas práticas. Quando o professor se mostra confiante em suas potencialidades, sente-se seguro para trabalhar com o aluno que apresenta necessidades especiais visando sua inserção no mundo tecnológico, apostando nos benefícios que estes recursos podem lhes trazer.

Para concluir, reafirmamos nossa crença no processo de inclusão pois acreditamos que a escola que temos hoje no Brasil, seja ela de ensino regular e/ou especial, que sofreu influências das mais variadas correntes filosóficas da história para constituir suas práticas atuais, e que sofre atualmente as influências da realidade do sistema político e econômico do nosso país, apresenta-se ainda como um "possível". É possível que tenhamos práticas educacionais mais eficazes e professores melhor preparados e motivados para a superação da visão tradicional predominante de educação, capazes de buscar outros fundamentos e outras ferramentas para seu fazer pedagógico. É somente acreditando nessa possibilidade que poderemos vir a encontrar os meios eficazes de se proporcionar para todos os alunos, uma educação de qualidade.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, L.A. Pensar a diferença/deficiência. Brasília: CORDE, 1994.
ARROYO, Miguel G. Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
COX, Kenia Kodel. Informática na Educação Escolar. Campinas: Autores Associados, 2003.
FARIA, Elaine Turk. O professor e as novas tecnologias. In: ENRICONE, Délcia (Org.). Ser professor. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.p. 57-72.
SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Escola democrática: um espaço para as diferenças. Florianópolis, [199_].v. 1-2.
SANTOS, Mônica Pereira dos. A inclusão da criança com necessidades educacionais especiais. São Paulo, 2001. Disponível em: <Educação On-line: www.educacaoonline.pro.br
SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro, WVA, 1997.
VYGOTSKY, L. S. A Construção do Pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
WERNECK, Cláudia. Inclusão: qualidade para todos. In: Revista Nova Escola, São Paulo, nº. 123, 1999, p. 8-17.

Notas

3 Adotaremos aqui o conceito de Inclusão proposto por Sasaki (1997, p.3): "Conceitua-se a inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a inclusão social de pessoas com necessidades especiais".

equiparação de oportunidade para todos”.

Correspondência

Eliana C. Pereira – Dr. Bozano, 412/303 CEP: 97015-000 Santa Maria, RS. E-mail:

elianacpereira@terra.com.br

Soraia Napoleão Freitas – Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação – Departamento de Educação Especial – Campus Universitário – Camobi – CEP:97015-900 – Santa Maria, RS. E-mail:

soraianf@fatecnet.ufsm.br

Recebido em 25 de novembro de 2003

Aprovado em 05 de fevereiro de 2004

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

[Cadernos](#) :: edição: 2004 - Nº 23 > [Editorial](#) > [Índice](#) > [Resumo](#) > **[Artigo](#)**